

TRANSCRIÇÃO

Ao receber o título de Professor Emérito da Universidade de São Paulo, o Prof. Dr. Eduardo d'Oliveira França emitiu, no seu discurso, considerações que merecem ser divulgadas entre pessoas que não estavam presentes à cerimônia. Extratamos dele algumas passagens que oferecemos à reflexão dos leitores de *Confluência*. O texto integral foi publicado pela *Humanistas*, com apresentação de Fernando A. Novais, sob o título *A docência como missão e o compromisso com a universidade pública* (1997) [E.B.]

Massificação e Colegialidade

Dois aspectos da conjuntura atual levam a suscitar, a pretexto de democratização, a dissipação das responsabilidades: a massificação e o exagero da colegialidade. A massificação do quadro discente tende a afogar as individualidades, quando cada um, sentindo-se desconhecido é levado a abandonar-se no anonimato que parece eximi-lo de responder perante alguém por seus atos e opiniões. Nessas condições, cresce o distanciamento entre professores e alunos. Também a docência é afetada pela massificação. A procura dos títulos mais e mais expostos ao risco da banalização acarreta sua desvalorização em uma espécie de inflação difusa a afiançar carreiras temporãs. Em decorrência desenvolve-se uma crise de hierarquia pela confusão de níveis outrora bem demarcados pelo respeito à maturidade e à experiência.

As diferenças nas etapas da carreira eram funcionais com discríme de atribuições e responsabilidades, agora, parecem coincidir apenas com a gradação das remunerações. Enreda-se o “cursus honorem” numa enfiada de títulos, alguns não raros arranjados lá fora sem controle, outros depreciados aqui dentro, complicando-se à toa uma hierarquia cada vez menos funcional.

Mestre era alguém que sabia muito mais que os outros, possuidor de discípulos, independente de titulação. Agora é um título no papel, rés-do-chão do começo de carreira, muita vez embasada em uma incerta micro-especialização prematura. Descaracterizou-se a figura do assistente: não assiste a mais ninguém e ignora aquela expressiva função de mediação entre o professor e os alunos dos quais em razão da idade, achava-se sempre mais perto. Também o auxiliar de ensino tem sua própria órbita, e a ninguém cuida de auxiliar.

Liga-se ao problema da responsabilidade a restauração da hierarquia do saber pela reposição da justa distância que deve existir entre o patamar de quem já sabe, e o de quem ainda não sabe o bastante. E, nesta linha, impõe-se o reaverem-se as garantias da liberdade de cátedra tão atropeladas em outros tempos; a vitaliciedade, a inamovibilidade e a irredutibilidade de vencimentos, tolhidas em desprestígio do magistério, e nunca restituídas. Eram garantias de independência, e de consagração à verdade. Não eram privilégios. Equiparavam-se então os professores aos juizes.

Os exageros de colegialidade, excesso de conselhos, comissões, coordenadorias, grupos de trabalho, núcleos de apoio, na medida em que afrouxam a iniciativa e o comando individual, embaraçam as atividades universitárias. Conselhos e Comissões há na Reitoria mais de vinte a ocupar professores e funcionários, e a debilitar a autoridade do Reitor. As buscas de definições coletivas não raro geram dissenções estereis ao pretender-se irigir em princípios o que são muitas vezes simples coincidências de opiniões ocasionais. E a responsabilidade coletiva, por sua natureza, esquiva-se a toda apuração concreta.

A multiplicidade de órgãos pluralizados, acumulando quase sempre atribuições consultivas e deliberativas, amparadas no pressuposto de que as maiorias estão sempre com a razão, além de atenuar responsabilidades, agrava os males da burocratização e sofreia o andamento das providências. Não são de todo prescindíveis na medida em que retêm o mérito de propiciar o confronto de soluções, desarmando imposições eventuais, e de estimular solidariedades em programas comuns, razão para a manutenção de alguns deles desde que com interferências delimitadas, para que nunca retardem as instâncias de execução.

Aquela definida responsabilidade que detinham os catedráticos com poder de escolher, de dispensar, de ordenar, de orientar, de corrigir desvios ou discórdias, diluiu-se na revoada festiva aos órgãos plurais onde ninguém é totalmente responsável, sendo cada membro apenas um voto, uma fração de decisão, às vezes mero acompanhante de escassas convicções.

Não há muito li que um camelo é um cavalo que foi feito por uma comissão. Inventa-se uma comissão quando não se quer, não se sabe ou se teme decidir. Contudo, em clima democrático, órgãos coletivos de consulta podem ser indispensáveis: a nobreza das Congregações ao longo do tempo de sua existência é confirmação de sua imprescindibilidade. Forçoso porém é recuperar-se o senso da responsabilidade individual que advém da consciência do dever, este fugidíio imperativo ético, quando a legislação timbra em alinhar direitos e privilégios, e em omitir a enunciação dos deveres de cada um no desempenho das funções. Aos docentes, se publicam alguma coisa, ninguém os inquietará, e eventuais queixas dos alunos descairão no esquecimento.

Quando falamos na redefinição das responsabilidades, e em uma renovada consciência dos deveres profissionais, não cogitamos dessa prática chamada *Avaliação*, inovação burocratizante ofensiva aos brios do professor. Esta polícia quantifica a produção impressa, mas não torna melhores os professores. Justo quanto menos se quer apreciar o preparo dos alunos, refugando-se as reprovações, ora menos temidas por eles que pelos examinadores medrosos de impopularidade, mas se insiste em sujeitar os professores à reprovação por não haverem publicado uns artigos apressados bons para nutrir quantificações estatísticas, com base na leviana presunção de que trabalhos acadêmicos devam ser consumados contra relógio sob cominação de prazos burocráticos.

Obsessão de produtividade com o fito de indenizarem-se investimentos. Coincidência, a implementação das avaliações a partir do tempo em que cresceram os financiamentos da pesquisa? As expectativas da tecnologia agradam a mentalidade utilitária sempre alerta em nosso de redor.

Agrava-se a ofensa subjacente ao convocarem-se avaliadores fora dos quadros da Universidade, na suspeita de que juízos destes não merecem confiança. Valia bem mais aquela discreta vigilância por parte dos mais experientes, feita de conselho, de crítica, de sugestões, e, sobretudo, de simpatia humana.

Impõe-se reencontrar-se, com a estrutura moral indene, a figura do professor, e não apenas a presença do pesquisador intimado, às voltas com seus aparelhos e suas fichas, a interporem-se entre eles e seus indesejados aprendizes.

Ciência e Humanismo

Sinal dos tempos, pode-se entrever na Universidade, crescente desequilíbrio na partilha dos domínios culturais. Desmesurou-se o espaço das Ciências Naturais e Exatas e suas proporções tecnológicas, com o conseqüente recuo das disciplinas humanísticas, priorizando-se as Ciências às expensas de valores éticos e estéticos. Rarefazem-se os cuidados com a formação do caráter do homem tão estimados no passado, agora cada vez mais acossados pelo inchume do cientificismo e do utilitarismo a ele inerente. Passou-se à submissão a uma racionalidade intransigente, como se só com o conhecimento objetivo sobre as coisas se saciasse o espírito humano contente com o progressivo domínio do meio material em que vive. O preceito de objetividade científica proíbe a imaginação inventiva, esquecido de que tudo o que se busca comprovar foi primeiro imaginado como hipótese. Urge repensar-se, para o bem dos espíritos, que o conhecimento da realidade material não é o bastante para as precisões do ser no mundo. Mais que tudo somos feixes de instintos, de sentimentos, de emoções, atividades psíquicas muito mais assíduas em nosso proceder. As descobertas das Ciências da Natureza, por mais importantes que sejam nem de longe

suprem todos os desígnios da existência humana. Carecemos de crenças, de sonhos, de mitos, de desejos, de estesias, de utopias e ucronias, de esperanças que geram energias para viver, e sobretudo, de princípios que norteiam o exercício da vontade. Não prescindimos de imagens, de significados, de abstrações, de parcialidades inexplicadas. Não responde a Universidade sozinha por tudo isso, é claro, mas por certo não pode fazer de conta que não são seus os problemas da vida interior, da vida em sua inteireza que exige muito mais que o conforto e a segurança materiais desvendados a partir dos laboratórios.

A retração do cuidado com a totalidade do humano suscita uma coisificação da cultura quando o saber das coisas confisca o saber do homem sobre seu próprio ser e seu destino. Vale lembrar o que escreveu o historiador Huizinga em seu livro *Entre as sombras do amanhã*:

“A Ciência sem o freio de um princípio superior entrega em seguida seus segredos à técnica que se orienta em sentido mercantil; e a técnica por sua vez, menos freada ainda por princípios superiores de cultura cria com os meios da Ciência todos os instrumentos que o organismo do poder dela reclama”.

A mesma Ciência de Sabin e de Fleming inventa e aperfeiçoa os mísseis de Oberth e Von Braun, e a guerra química, ou a bomba atômica de Oppenheimer e Fermi, frutos de laboratório. A diferença entre o bem e o mal não é dada pela experimentação científica. Só o conhecimento do Universo dos valores pode traçar o limite da ação: o que deve e o que não deve ser feito. A indiferença ética do cientismo mais e mais acorrenta a Universidade ao crescente jugo do racionalismo.

Ainda lição de Huizinga: “Há muito tempo que todos sem exceção nos emancipamos do racionalismo tirânico. Sabemos que nem tudo se pode medir com o critério da racionalidade. O próprio pensamento progressivo nos ensina que a razão por si só não basta”.

Impõe-se a ponderar a diferença que existe entre o pensamento e a existência, entre o conhecer e o ser, diferença que, embora sirva a ambos, a Ciência mal cogita. Não se trata contudo de suscitar submissão da vontade ao domínio dos impulsos menos racionais da mente. Considerando a integridade do ser humano, o que se pede à Universidade é o reequilíbrio e a articulação entre a busca do conhecimento da natureza e a do conhecimento do homem. Da preferência pelo estudo das coisas resulta a anemia do Humanismo impelido para a periferia das preocupações acadêmicas. Impõe-se a revalorização do homem como polo das inquietações do espírito, e não relegado à retaguarda do saber. As Faculdades de Filosofia e suas afins não podem ser inferiorizadas, rendidas ao cientificismo irremittente e dominador que, alastrando-se, ameaça desnaturar o ensino médio. (...)

Ao subestimar a reflexão sobre o humano, ao desprezar a introspecção, e alheio aos valores éticos, o laboratório, cuja potencialidade aumenta superlativamente cada dia não acha caminhos para a erradicação da pobreza unida à ignorância, o invicto desafio nacional. Não se trata de modismo retórico, mas de repensar-se o papel da Universidade contemporânea no reencontro da perdida consonância entre as áreas do conhecimento.

Ocaso dos professores

Senhores. Nova e dura luta se desenha no horizonte. Luta grave, gravíssima para a sobrevivência do professor, vulto evanescente que alguns já consideram fóssil. Do professor desvalorizado, envergonhado de seu labor mal remunerado, a perder dia a dia a consideração social. Quando o professor universitário, rendendo-se a um igualitarismo artificioso esfuma sua presença ao renegar as insígnias de seu ofício, largando a beca ou o modesto avental branco, esconde, como que encabulado, sua condição, a traír um desprestígio que vem do nível primário onde a professora passou a ser adocicada sob o apelativo mentiroso de *tia*. Por que se extinguíram as Escolas Normais? Formavam-se nelas professores. Agora, de tempos em tempos, eles são *reciclad*os.

A sápieute Constituição de 88, em vez de professor, conhece apenas *profissionais do ensino* (art. 206, V). Por quê, por equidade, em lugar de juízes não diz *profissionais da Justiça*? (...)

Ao cadenciar-se a carreira pelos ritmos da pesquisa agrava-se a inapetência para o ensino, minando-se o prestígio do professor. Sintomático: ninguém pleiteia bolsa para aprender a ensinar melhor. Afinal, se alguém não quer ensinar por que há de se intitular professor e se mostrar em auditório de aula?

Para crédito, não se apontam os bons profissionais formados pela USP, sequer seu número para as vanglórias estatísticas, mas o rol dos *resultados*. Pesquisa e pesquisa, único critério de apreciação de merecimento do professor que, em livro de pedagogia recentíssimo é reduzido a *ensinante*. Sinônimos de mensuração de produção, aparecem neologismos como bibliometria, cientometria. Troca de palavras, mudanças de juízos: coordenador, orientador, docente em vez de professor; para marcar distância, estudante, não aluno, e discípulo é quase palavra feita. O verbo *ensinar* parece fadado a desaparecer. Proscvem-se os exames porque são intimidação com o fantasma da reprovação. Bem sabemos nós entretanto que esse fantasma nos fazia para valer.

Estranha pedagogia: não importa aprender, mas descobrir. Para uns o professor deve ser mudo: a aula expositiva é arcaica. Contente-se ele em distribuir textos – o que pode ser feito pelos bedéis – para que, em seminário, os

estudantes arrumados em círculo, os debatam entre eles. Apelida-se a isso, dinâmica de grupo. Aprendizado por atrito. Ou seja, quem não sabe ensina quem não sabe. Com a invenção da imprensa desapareceu a profissão de copista; com as impressoras, facilitou-se a profusão dos textos, e os *ensinantes* podem ser empurrados à retrocena. A magra função do professor pode resumir-se à de vigiar a atividade mental, sem se cogitar da previsão de programas definidos. Aliás, os programas, documentos que são da orientação de cada professor, compromissos ante os alunos, tornam-se anônimos, elidindo-se a responsabilidade de cada um pela eleição do teor de seu ensino. Ao pretender-se banir a oralidade, a aula expositiva, volatiliza-se a presença do professor em favor do mutismo dos textos, tabelas ou gráficos. Nessa perspectiva, a ação docente limitar-se-á apenas a excitar uma incerta criatividade, esquecida a transmissão da herança cultural, como se cultura não fosse continuidade como se cada nova descoberta não brotasse de conhecimentos preexistentes. (...)

O perigo existe. Na história do trabalho, não poucas têm sido as profissões que desapareceram quando se tornaram supérfluas. Quem sabe hoje o que é um picheleiro, um postilhão, uma carpideira? Em outros meios, o ofício de professor começa a ser questionado com evidente deformação da dinâmica da cultura. Trai-se o declínio do professorado na perda de status à beira da proletarização, a pouco e pouco alijado da classe média. Professores há que levados num movimento de ascensão, provém de camadas populares: a perspectiva de proletarização ameaça uma recaída, um verdadeiro curto circuito para barrá-los e atirá-los de volta ao campo de origem. No fim, talvez outras profissões menos nobres venham a tomar o lugar dos professores. É premente salvá-los do decesso, e com eles, a persistência do que existe de humano na vizinhança das gerações que se sucedem.

A preservação do professorado e de sua posição na sociedade é incumbência da Faculdade de Filosofia que nasceu predestinada a formar professores, e que tem uma tradição, hoje um pouco esquecida, de se bater por eles.

Há quem anteveja a abolição das escolas como entidades arcaicas, superadas, prescindíveis no mundo atual. Semelhante desfecho porém parece remoto ainda que se deva esperar que suas estruturas de agora venham a sofrer em breve tempo, mudanças profundas. (...)

Hoje em dia, o professor é cada vez mais compelido a dispor de recursos técnicos de comunicação, de cálculos, de registros. Tem que apelar a cada passo para o projetor, o gravador, a calculadora, o microfone, a reprografia, a televisão de circuito fechado, e mais que todos, para o grande guru tecnológico – o computador -. Não sem razão, passou-se a dizer Tecnologia do Ensino em vez de Didática. Associam-se à Pedagogia a Informática e a Cibernética, e os

progressos da telecomunicação rondam o destino das escolas de moldes atuais. Tudo indica que estamos no limiar de grandes mudanças: os avanços da telefonia e as perspectivas de associação da imagem com o som com o videofone e o computador dotado de fala, o aperfeiçoamento das técnicas audiovisuais, a tecnologia acelerada incita o professor a rever seus processos de ensino convencionais, sem com isso renunciar a ser professor.

Alarmante porém é a interferência daqueles que pretendem transferir a docência para as máquinas de ensinar. Essas máquinas vêm sendo aperfeiçoadas nos Estados Unidos, embora ainda apresentem resultados duvidosos. Nunca as vi, mas sei que combinam técnicas atuais de comunicação com as máquinas de verificação de rendimento escolar destinadas a banir os exames tradicionais cada vez menos operacionais, diante da massificação discente. Finda-se a era do lápis vermelho. (...)

A tendência será talvez a de transmutar-se o professor em simples alimentador e operador da máquina com a decorrente despersonalização do aluno, por sua vez, exposto às uniformidades da automatização

Em meio a uma certa desprevenção social, prenuncia-se uma competição desigual com uma aparelhagem multiforme, da TV ao computador, pressagiando-se o ocaso do magistério vencido pela eletrônica. Nesta linha fomenta-se a ruptura da convivência escolar, o abandono da aula, do aconselhamento, das correções ocasionais, das repetições pacientes. Força pois é tomar-se consciência das incertezas do tempo e assimilarem-se as novas perspectivas do mundo em mudança, e para logo atualizar-se a formação do professorado a fim de prevenir-se uma derrota desastrosa decorrente do surto de maquinização da vida contemporânea.

Não se pensa em esconjurar a máquina invasora, mas apenas em neutralizar germes de uma investida maciça de inumanização na esfera do ensino. Se inevitável sua generalização, é preciso que as máquinas venham a depender da lucidez dos professores a fim de prevenir-se a consagração da rotina e da passividade. A reiteração de sua utilização pode alentar um dogmatismo dissimulado pela imposição de verdades irrecusáveis porque automatizadas, e com isso banir-se toda a sabedoria do diálogo, da persuasão, da escolha, da ~~contra~~dição, da crítica, de recusa, de geração de hipóteses. A máquina elimina a tensão da dúvida. Certo não basta infundir a tranqüilidade das certezas, mas instilar a inquietação das dúvidas que não se confundem com ignorância, e são prelúdio das descobertas, mantendo desperto o espírito inquisitivo. Dispensa o uso de prova, maravilhosa arma da inteligência, arma que trasmuda a dúvida em certeza, as presunções em verdades. Talvez chegue a pensar em lugar dos cérebros; ela jamais logrará sentir no plano da afetividade.

A memória do computador ameaça inutilizar o professor como fonte de informação, e para logo dispensar o uso da memória humana, porque serão prescindíveis as lembranças quando séries de disquetes responderão mais pronta e fielmente que qualquer reticente professor. Dispensada a armazenar reminiscências do próprio passado, como conseguirá persistir a identidade de cada um, se mais não somos que atualizações de nosso passado? Se compartilhada com a máquina a guarda do patrimônio cultural, não virá esta alienação a mutilar o ser do homem como tal? Inerte, niveladora, impessoal, a máquina é insensível ao que há de melhor nos espíritos, inclusive às evasões, aos desejos, às aventuras e devaneios. (...)

Entretanto, depois dos pais, é o professor quem torna a transmissão do saber acumulado um colóquio entre o homem que está e o homem que chega. Se o professor sai de cena pode-se antever para as próximas gerações e eclosão de um anseio por seu retorno a fim de que os homens sejam formados por homens e não temperados por aparelhos como se eles próprios se destinassem a transmutar-se em peças de mecanismos sem alma. (...)

Empresarização da Universidade

Desprezadas as tradições, amolda-se a Universidade ao assédio da mentalidade capitalista a quem tem de se ajustar. As ciências Naturais e Exatas seguras de servir à vida e ao conforto dos indivíduos atenuando-lhes o esforço e os riscos graças ao domínio crescente sobre a natureza e à mecanização, impõem sua prioridade mediante a superestima da pesquisa.

Esta hegemonia da pesquisa, consagrada em muitos setores parece condicionar o que se pode chamar a empresarização da Universidade que, sitiada por pressões externas tende, ela própria, a transmutar-se em empresa, e os conhecimentos mobilizados arriscam-se a ser tratados como mercadorias de maior ou menor valia. Assim remanejada, propende a Universidade a transformar-se em agência de serviços e de interesses que a rigor não são seus.

Por contágio, o próprio Estado, interessado nos avanços tecnológicos dispõe-se a contribuir para esse desenvolvimento, e, propiciados os investimentos, reclama produtividade. Logo professores oferecem assessorias, e com elas programas externos vêm sobrepor-se aos reclamos da própria Universidade e apoucar o tempo que seria do ensino. Fala-se em indústria cultural.

Entende-se que deve a Universidade serviços à comunidade, mas este empenho não significa que deva servir docilmente a determinados setores da sociedade capazes de subsidiar pesquisas em seu próprio proveito. No mundo utilitário em que vivemos, a Universidade que nele se insere não consegue

dedicar-se tão-somente à pesquisa desinteressada de teor essencialmente cultural. É óbvio que apelos econômicos também contam e pesam muito. Influem, mas não comandam a submissão das inteligências aos caprichos de setores indiferentes à problemática da cultura. Legítimas as consultorias, mas entenda-se que a Universidade não é linha auxiliar de empresas, ou filial de prestação de serviços em detrimento de seus próprios fins. (...)

Despojado o professor, a tônica de empresarização, fermentada nos bastidores passa a privilegiar a produtividade para logo erigida em critério de atribuição das dotações, em desfavor do ensino.

Cuida-se de implantar, sem ação dos professores, o ensino a distância, prescindindo-se de um campus utilizando-se por encomenda, o correio, o telefone, o fax, o computador para difundir noções ou para justificar uma outorga econômica de diploma para maior número. Uma agência pode fazê-lo com técnicas próprias: para que escolas e professores? Para apurações, bastam máquinas.

Esse recondicionamento de estruturas marca de disfarçada política quantificante, na esteira da ruptura da hierarquia funcional, fruto de inconfesso pressuposto de perda de senso de dever pelo professor, e a imposição de uma espécie de feitoração da atividade profissional, sujeitando-se os professores, em qualquer nível da carreira, a um intermitente noviciado, com o censo periódico de seus afazeres não docentes, face do desequilíbrio que se compôs entre pesquisa e ensino, agravado pela revoada crocitante dos tecnocratas. (...)

A entrega à empresarização, afeiçoando técnicas do capitalismo, pode assegurar aproveitamento mais produtivo das inteligências. Poderia significar um avanço, não fosse a desumanização implícita no aferro ao rendimento, com negligência das dimensões éticas, ao erigir-se a eficiência como valor maior. Esta tendência advém da necessidade de financiamento das pesquisas, e do cômputo dos resultados, objeto de escrituração e balanço. Contagia-se o ambiente da soberana perseguição do ganho, o que nem de longe se aparenta com os ideais dos sábios, dos grandes mestres do passado.

Desvio de rota: o cientificismo

Aos vínculos utilitários agrega-se outra faixa de opacidade: a ênfase imoderada ao intelectualismo que, apoiado na opressão do racionalismo absorve todas as vias do entendimento. Esta presença sem tréguas do comando da razão nega transparência à afetividade, às esperanças que mobilizam vontades, intoxicada que vai sendo a racionalidade pela narcose das precisões irretocáveis, das estatísticas sem senões, armada de menosprezo pelos sentimentos vistos com desvios ou defeitos.

Por esse caminho estreita-se o espaço para as insubmissões das artes, muita vez entravadas pela teia de crítica racionalizante, ou por ocasiões lúdicas para além da catarse das práticas esportivas, ou ainda para a fruição do gosto, dos abandonos que atenuam as tensões decorrentes das imposições da lógica, essa tirana que não consente transigir.

A continuada servidão ao puro intelectualismo concorre ainda para intimidar as inspirações da mística que se resolvem em crenças e religiões, riquezas das consciências na dinâmica das civilizações.

A esta dominação do racionalismo associa-se a tendência à imposição da hegemonia, se não do exclusivismo, dos conhecimentos de caráter científico como fundamento da existência das Universidades. Nos meios possuídos pelo predomínio dos critérios das Ciências Naturais e Exatas, quase sempre indefesas às filosofias, prevalece a convicção de que tudo o que transita pelo espírito como visão da realidade só é válido se contar com a salvaguarda da objetividade, a chancela de alguma Ciência. Para gente da Ciência, a linguagem dos valores vem poluir a sacrossanta objetividade que, só ela, avaliza verdades inconcussas, aquelas verdades provisórias a cada passo substituídas mercê de pesquisa supervenientes. O culto quase supersticioso das Ciências, como carisma universal associa-se à angústia da eficiência presa ao reinado da tecnocracia a prometer soluções mágicas a todos os problemas da inteligência. Rara é a receptividade acadêmica a qualquer apelo ao subjetivismo, às revelações da intuição, da imaginação, da crença às ilogicidades da afetividade, quando até o irracional, a porção semi-imobilizada de nossa vida mental pode merecer ter de vir à tona na Arte ou na Filosofia.

Certo, existem na USP cursos e museus que valorizam a sensibilidade, dando alento às Artes: a ECA ou, em menor escala, a FAU. Dentro delas, porém, as preocupações com o lustro da cientificidade podem tolher os germes das idealizações, das estesias criativas, com a desculpa de polícia crítica, e não raro tisonadas pela Tecnologia.

Ao constranger-se a sensibilidade, desarma-se o impulso para a procura de vida melhor, a investida contra o atraso, contra a pobreza, contra males da patologia social, como a violência, a droga, o deboche. O móvel para servir à sociedade na superação de suas carências é de lastro afetivo, presente conquanto inconfesso. (...)

Impôs-se fosse a Faculdade de Filosofia somente profissional – formação de professores. Ela porém teimou em suscitar a pesquisa e em ministrar disciplinas básicas, o que só veio a consumir-se definitivamente, ao ensejo de sua fragmentação com a criação de institutos. O caráter profissional acentuou-se quando já em 1938, extinguiu-se, à revelia do Conselho Universitário, o Instituto de

Educação, agregando-se seus professores em um Departamento de Educação. Acentuou-se essa tendência com a edição em 1.939 do Decreto-lei 1190. Nesse mesmo ano, a Ditadura dissolvia a Universidade do Distrito Federal.

Ao ser criada, a Faculdade de Filosofia destinava-se a ser atmosfera de intercuro de estudos solidários do homem e da natureza; todavia as reformas de 58-70 desfizeram os vínculos ainda frágeis que os aproximavam. É muito difícil voltar a ontem, mas é sempre com pena que revejo aquele perdido convívio com os cientistas, convívio cuja ruptura desmerece a própria visão da Universidade, ao concebê-la como simples coabitação administrativa de entidades que, ilhadas em sua autofilia se justapõem mais ou menos contrafeitas, e com essas escassas trocas culturais entre elas.

Foi quase sem resistir que a Universidade resvalou para o cientificismo ao privilegiar as buscas dos conhecimentos sobre a natureza e suas aplicações. Entregou-se à Ciência fiadora de todas as verdades, palavra mágica que dá status e credibilidade a todo o conhecimento sistemático sobre o que quer que seja, sob a égide do *diktat* do dogmatismo da certeza científica.

Disciplinas normativas, de pesado conteúdo valorativo apelidaram-se Ciências. Ciências do Direito, Ciência da Moral, Ciência da Educação. Até mesmo a prosecta História, esquecida de suas remotíssimas raízes no cuneiforme ou nos signos dos escribas egípcios, muito antes de se pensar nos meandros das Ciências afobada fantasiou-se de científica para não distoar, cuidando rejuvenescer. A velha Política, essa arte de manipular o poder, erigiu-se em Ciência a mascarar sua imensa falibilidade. Só a Filosofia resistiu, não sem tentativas em contrário, ao aliciamento do cientismo. E por sua vez, aconchegando as Artes, infensas por sua natureza aos objetivismos, preservou a estética ao contágio, embora haja quem pretenda defini-la como *Ciência do Belo*. (....)

Centralização e burocracia

Por último, um posfácio crítico: defeito de caráter estrutural – a centralização administrativa exacerbada. Por cerca de meio século, nas marés das reformas, teima-se em defender a idéia de que a Universidade só se realiza como tal no amparo de uma Reitoria presidencial, constringente, todo – poderosa, urdindo-se, para suporte, uma rede de Pró-reitorias, de Coordenadorias, de Câmaras, de Comissões prontas para interferirem em tudo. Entendeu-se que atrofiando-se a competência das direções das Faculdades e Institutos, promover-se-ia maior integração entre as partes desencontradas, mediante a grade de uma legislação uniformizadora e de minúcias. Universidade porém não é um feixe de entidades amarradas pelos cordões da burocracia. A via para o sinecismo não é a conversão dos problemas de ensino e de pesquisa em questões de ordem

administrativa, com redução do alvedrio das Unidades inibidas, despojadas, submissas.

Ilusão, as interferências constantes por parte do poder central, com os inerentes empecos da burocratização em armas, ao invés de incitar solidariedades, desestimula projetos comuns, amarra as iniciativas, retraindo as participações entre setores afins, justo o maior benefício da coexistência da Universidade.

Dano ainda maior gera a centralização excessiva: o surto da burocracia e o alastramento de suas ingerências no cotidiano. A experiência do passado revela que a proliferação dos quadros burocráticos tem sido indício de senescência das instituições, visível nos antigos regimes absolutistas. Sadia, a burocracia está longe de ser parasitária: bem dosada é garantia de ordem e regularidade, de fidelidade aos registros, de racionalização dos serviços. Se se desmesura porém, passa a entreter formalismos supérfluos ancorados em prescrições mais ou menos impertinentes. Anômala, insinua-se no mando, enleia, desacelera ou entorpece as atividades, delongando decisões e execuções com intervenções desnecessárias.

Agravam-se as transgressões com a estandardização dos procedimentos a pretexto de racionalização, impondo-se a cada passo a equiparação de desiguais. A burocracia em ação tende a exagerar as uniformidades, e as singularidades a desnorteiam. E seus transbordamentos chegam, não raro, a acossar as próprias liberdades acadêmicas. E ainda, ao balizar de contínuo a atividade dos professores, ela acaba por vezes por assimilá-los ao burocratismo, induzindo-os a um indisfarçado mimetismo quando estes, apanhados em sua teia, renunciando ao risco e à crítica abandonam-se ao embalço da rotina.

Ante o conluio das Ciências com a Tecnologia abençoado pela solicitude da Burocracia, só resta à Filosofia, desconsiderada mas sempre atenta, denunciar o fundamento dessa conjunção: a trama do pragmatismo, a morna devoção do útil e a eficiência, com a decorrente retração da presença de valores mais altos, ou seja, o compromisso com o bem, com o justo, com o belo, com a promoção de uma autêntica solidariedade entre os homens. Impõe-se de urgência uma corajosa reflexão sobre o indiferentismo ético que parece ensombrar a corrida pelos progressos da ciência: cabe à Universidade promovê-la.

Não se há de cogitar um impossível retorno obscurantista à ótica do passado, mediante contenção ou desaceleração dos cometimentos da Ciência e da Técnica com seus poderosos calços internacionais, mas sim de reaverem-se os sintomas perdidos, subordinando-se conquistas que são incoercíveis a uma perspectiva ética de nosso destino dentro do mundo onde somos e agimos.

Ao meditar afinal sobre um programa de reatualização da Universidade, temos de reabilitar a missão do professor, e de reencontrar como inspiração a sabedoria dos fundadores, sensíveis que foram à essencialidade do Humanismo, cuja vitalidade depende principalmente das Faculdades de Filosofia, consagradas à descoberta e difusão dos melhores tesouros do patrimônio do espírito.

Muito obrigado.
